

CANEDO, Cátia. Maria Lúcia, crítica e poetisa. In: **Revista Épicas**. Ano 6, N. 11, Jun 22, p. 116-118. ISSN 2527-080-X.
DOI: http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2022v11

MARIA LÚCIA, CRÍTICA E POETISA

VILELA, Ana Luísa; SILVA, Fabio Mario da; PEDROSA, Inês; FINA, Rosa (orgs.). **No ardor dos livros: Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra**. Natal: Sol Negro Edições/ ARC Edições, 2021.

Cátia Canedo (Universidade de Brasília)[1]

Maria Lúcia Dal Farra é professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe. Professora titular, marcou decisivamente os estudos da literatura portuguesa no Brasil e tornou-se referência no exterior. Além disso, conhecemos uma outra faceta de Maria Lúcia quando publica suas primeiras obras ficcionais, em verso e em prosa, sendo galardoada com o Prêmio Jabuti em 2012. Tendo em vista toda a sua trajetória, em 2019 foi realizado, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Câmara Municipal de Vila Viçosa, um *Congresso Internacional que comemorou os 100 anos da publicação do Livro de Mágoas, de Florbela Espanca*, com uma homenagem a Dal Farra, por ela ser o maior nome dos estudos florbelianos. Nesse encontro,[2] no qual foi lançada uma antologia poética da autora intitulada *Alguns Poemas*, com organização e estudo introdutório de Fabio Mario da Silva e Ana Luísa Vilela, foram destacadas a singularidade, o rigor e os meandros poéticos que perfazem o conjunto da sua obra. Resultante desse congresso, foi publicado pela

[1] Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais desde 2020 do programa de pós-graduação em Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.
[2] As fotos do referido congresso encontram-se no seguinte *website*: http://www.florbelaespanca.uevora.pt/?page_id=498, acesso em 10 de maio de 2022.

Edições Arc/ Sol Negro, em Natal, a obra intitulada *No ardor dos livros. Homenagem a Maria Lúcia Dal Farra*, com organização de Ana Luísa Vilela, Fabio Mario da Silva, Inês Pedrosa e Rosa Fina.

A obra é dividida em quatro sessões, sendo a primeira delas uma entrevista que Dal Farra concedeu a Ana Luísa Vilela. A entrevistadora questiona a entrevistada sobre o processo de criação poética, sua relação com a literatura, bem como sobre as "muitas vidas" de Maria Lúcia, tendo em vista que ela é "acadêmica, investigadora, professora, ensaísta; pianista, escritora, poetisa, ficcionista; mulher, brasileira, paulista, sergipana". Assim, habilmente a homenageada responde:

> Acho que, para além de ter vivido muitas existências, pelo menos uma atrás da outra (porque com os meus 76 anos já percorri um alongado e atribulado percurso por este mundo-de-meu-Deus), o segredo (se é que há algum!) de se viver simultaneamente um leque de pessoas é lutar por fazer com que, a cada momento, uma só prevaleça, pois que se deixar todas juntas o resultado dá num coro de contrários. As outras (que permanecem em mim sempre enraizadas) ficam submergidas aqui dentro, quietinhas, como um lastro, aguardando o chamado para interferir, e, quando não, ousam disputar a preponderância com aquela que a exerce naquele momento (2021, p. 10).

Demonstra-se, assim, o seu lado camaleoa, ao se adaptar, repensar e mostrar a sua verdadeira essência, enquanto mulher e pensadora, pelos vários ambientes e espaços que esteve durante o seu percurso acadêmico e artístico. Revela-se, na referida entrevista, os pontos de inspiração poética, seu fascínio por alguns escritores da literatura, bem como algumas questões íntimas, de estórias particulares de sua vida.

No segundo capítulo da obra, encontramos depoimentos de seus ex-alunos e orientandos (Ana Maria Domingues, Adriana Sacramento, Aline Cajé Bernardo, Eliana Barros, Cleuma Magalhães, Jonas Leite, Fabio Mario da Silva, Iracema Goor, Isa Vitória Severino, Renata Bomfim, Paulo Motta Oliveira e Inês Pedrosa), que mostram, entre discursos críticos e emotivos, a importância de Mária Lúcia para as suas carreiras universitárias. Por exemplo, Marlise Bridi afirma que sua ex-professora ainda continuar a lhe inspirar e que seu percurso como docente é marcado pela liberdade e seriedade, tal como Maria Lúcia:

> Considero, portanto, que tenho alguma autoridade, como testemunha, de avalizar uma presença única em minha vida e, tenho certeza, na de muitos que aqui se encontram. Maria Lúcia Dal Farra foi e é minha fada madrinha, pois mostrou-me um caminho em todos os planos de minha carreira e de minha vida: um caminho de verdade e de autenticidade que pretendi honrar no passado e ainda honro em cada momento de meu percurso. Só o verdadeiro exemplo pode fazer frutificar em tantas pessoas um caminho tão verdadeiro (2021, p. 39).

A terceira parte do livro vai versar sobre a tradução da obra poética da autora para o espanhol, o italiano e o inglês, em textos assinados por Chris Gerry, Matteo Pupilo e Mercedes Gómez Almeida, que

refletem sobre os problemas de tradução e a importância de levar aos leitores de outras línguas um conjunto de poemas da escritora. A poesia de Maria Lúcia consegue despertar em vários leitores aprazimento porque nela podem-se encontrar "una atenta cartografía de paisajes latentes que abarca desde la calidez de la más tierna infancia hasta la más profunda desolación del final de los tiempos y, entre ellas, todo un mundo de relaciones con tintes marcadamente violetas." (Almeida, 2021, p. 100)

O quarto e último capítulo reúne uma coletânea de ensaios que abordam variados temas: o corpo político, a relação da sua poesia com a arte e os embates da obra *Terceto para o fim dos tempos* (Adriana Sacramento, Iná Camargo Costa); a relação da memória e da herança na poesia da autora (Catherine Dumas, Iracema Goor e Annita Costa Malufe); o diálogo poético de Maria Lúcia com Florbela, Gilka Machado, Fiama Hasse Pais Brandão e Mariana Alcoforado (Deolinda Adão, Cláudia Pazos Alonso, Ivo Falcão, Patrícia Cardoso, Isa Severino, Rogéria Alves Freire e Jonas Leite); recensão da edição portuguesa da poesia dal farriana publicada durante o congresso em Portugal (Edson Santos Silva); a relação entre erotismo e as mulheres (Fabio Mario da Silva e Paulo Geovane e Silva, Karina Naro Guimarães); a poesia aquática e marítima de Maria Lúcia (Rafael Campos Quevedo); e a narrativa autobiográfica de *Inquilina do Intervalo* (Hélder Garmes). Em especial, Fabio Mario da Silva e Paulo Geovane e Silva atentam para os detalhes visuais dessa poética, ao enfatizar que:

> Maria Lúcia, então, com o mesmo rigor acadêmico com que escreve os seus textos analíticos – mas subvertendo a lógica textual, como assim faz toda a grande poesia, visto que a língua se submete à criação poética da escritora –, remete-nos para as cenas do jardim do Éden, das princesas encantadas, do amor profano e celestial, do conhecimento negado e da multiplicação da beleza dos frutos da macieira, do tempo imemorial da poesia (2021, p. 172).

Em suma, esse compêndio torna-se a principal referência para a sua fortuna crítica e se configura como um livro que consagra o nome da sua homenageada a partir de vários vieses, desde cariz emotivo, a partir da ótica de quem conviveu com a autora, até análises acuradas dos debates que se instauraram na sua produção ficcional e acadêmica. Assim, pretende-se dar a conhecer o perfil acadêmico e a trajetória literária de Maria Lúcia, através de obras como o *Livro de Auras* (1994), o *Livro de Possuídos* (2002), *Alumbramentos* (2012); *Inquilina do Intervalo* (2005), *Terceto para os fins dos tempos* (2017), e *Alguns Poemas* (2019), pelas Edições Esgotadas, em Portugal).